

Sexualidade para além da heterossexualidade: representações de homossexualidade na literatura infanto-juvenil

Ana Paula Sefton¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar representações de identidades de gênero e sexuais, sobretudo a homossexualidade masculina e feminina, a partir da investigação de quatro obras de Literatura Infanto-juvenil. Como suporte teórico tem-se os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais, além de aportes pós-estruturalistas. As análises realizadas enfatizam as recorrências de representações de homossexualidade sob a perspectiva de um discurso plural; embora também seja considerado o discurso da heteronormatividade permeando trechos dos enredos. Primeiramente, as obras foram determinadas por apresentarem personagens homossexuais nas tramas. Em seguida, realizou-se a análise dos discursos sobre sexualidade a partir do texto e da imagem dos livros, considerando as formas de representações dos gêneros masculino e feminino. Índícios da forma como tais obras são disponibilizadas socialmente, em instituições escolares, famílias e livrarias brasileiras, também foram abordados. Nesse sentido, tem-se de um lado uma perspectiva generalista na qual observa-se o quanto os 'ideais' da masculinidade hegemônica, baseada na cultura patriarcal, são apresentados como 'naturais' aos homens e mulheres através das tramas infanto-juvenis. Por outro lado, sob uma perspectiva plural, é possível encontrar representações das sexualidades para além da heterossexualidade, possibilitando aos sujeitos/personagens outras possibilidades de exercício de suas identidades. Ressalta-se que neste artigo não há o intuito de avaliar a qualidade literária das obras colhidas para análise e, sim, trazer ao debate discursos sobre pluralidades de gênero e de sexualidade que circulam em determinadas obras de literatura infanto-juvenil. Somam-se, ainda, a problematização do conceito de heteronormatividade; e do debate acerca dos discursos sobre sexualidade e gênero, como estratégia de ampliar a compreensão da formação cultural e das experiências sociais de tais identidades.

Palavras-chave: Sexualidade. Homossexualidade. Gênero. Discurso. Literatura infanto-juvenil

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo(USP). Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: sefton.ana@gmail.com

Sexuality beyond heterosexuality: representations of homosexuality in young and children's literature

ABSTRACT

This paper aims to analyse representations of gender and sexual identities, particularly male and female homosexuality, based on the investigation of four young and children's works. We have drawn on gender studies, cultural studies and poststructuralist works. Analyses have stressed on recurrent representations of homosexuality from a plural discourse perspective; although heteronormativity discourse pervading parts of plots. First we chose works featuring homosexual characters. Then we analysed discourses on sexuality in the text and image of the books, taking into consideration representations of male and female genders. We have also addressed traces of how these works are socially introduced in Brazilian schools, families and bookstores. In this sense, on one hand we have a generalist perspective in which we can see how much hegemonic masculinity 'ideals' based on the patriarchal culture are presented as 'natural' for men and women in young and children's plots. On the other hand, under a pluralist perspective, it is possible to find representations of sexuality beyond heterosexuality, giving to subjects/characters other possibilities of exercising their identity. We emphasize that this paper was not designed to evaluate works' literary quality, but rather to discuss gender and sexuality pluralities in particular young and children's works. Moreover we are interested in problematising the concept of heteronormativity and debating about gender and sexuality discourses further understanding of cultural background and social experiences of these identities.

Keywords: Sexuality. Homosexuality. Gender. Discourse. Young and children's literature

INTRODUÇÃO

Este artigo² reúne quatro obras da Literatura Infanto-juvenil para análise das representações das identidades sexuais homossexuais, atreladas às identidades masculinas e femininas de gênero. Utilizou-se, como suporte teórico, os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais, com aportes pós-estruturalistas.

² Este artigo foi escrito em 2008, com inspiração na Dissertação de Mestrado, defendida em 2006, intitulada "*Pai é de uso diário?* – representações de paternidade na literatura infanto-juvenil". Na Dissertação, o foco foram as análises de 34 obras infanto-juvenis sobre a temática de paternidade, gênero e sexualidade. Já o presente artigo analisa outras quatro obras infanto-juvenis com o foco em gênero-sexualidade-homossexualidade.

As análises realizadas enfatizam não só as recorrências inovadoras sobre as representações de homossexualidade, como também o discurso da heteronormatividade permeando trechos dos enredos. Em um primeiro momento, as obras foram escolhidas por trazerem personagens homossexuais pertinentes à trama. Em sequência, os discursos sobre sexualidade foram analisados a partir do texto e da imagem dos livros, levando em consideração também as formas de representações dos gêneros masculino e feminino. Indícios da forma como tais obras são disponibilizadas socialmente, em instituições escolares, famílias e livrarias brasileiras, também integram este artigo.

Desta maneira, mesmo que na maioria dos livros infanto-juvenis se observe “ideais” de uma hegemonia, baseada na cultura patriarcal, sendo apresentadas como “naturais” aos homens e mulheres, também é possível encontrar discursos plurais em uma outra parcela das obras. Há representações de sexualidades para além da heterossexualidade, o que credita aos personagens e sujeitos outras possibilidades do exercício de suas identidades.

Para tanto, os objetivos desta escrita são: trazer ao debate discursos sobre pluralidades de gênero e de sexualidade que circulam em determinadas obras de literatura infanto-juvenil; colocar em suspenso o conceito de heteronormatividade; problematizar os discursos padronizantes acerca da sexualidade e de gênero.

GÊNEROS E SEXUALIDADES: ENTRECruzAMENTO DAS PLURALIDADES

Dissertar sobre pluralidades nos campos do gênero e da sexualidade é problematizar o repetitivo e contínuo objetivo das pedagogias em geral: “legitimar” determinadas identidades em detrimento de outras. Na sociedade ocidental contemporânea, há um forte investimento para inscrever nos corpos formas de ser, perceber e atuar enquanto meninas/mulheres ou meninos/homens. Na mesma direção, há o intenso “empenho” da heteronormatividade, presente como disposições culturais, atuantes nas instituições, como a escola e a família; assim como em instâncias culturais, como a mídia e a literatura infanto-juvenil.

Subverter, pluralizar, suspender, desconfiar, desviar das verdades impostas nos faz repensar, reinventar, reconstituir a nós e aos outros. A base

heterossexual é tida como norma social no quesito sexualidade e, mesmo aqueles que transgridem esta regra, também a têm como referência. Segundo Guacira Louro, “os sujeitos que cruzam as fronteiras de gênero e de sexualidade talvez não ‘escolham’ livremente essa travessia, eles podem se ver movidos para tal por muitas razões, podem atribuir a esse deslocamento distintos significados” (ibidem, 2004, p. 18-19).

Assim como os diferentes significados, há diversas formas do sujeito se relacionar com as fronteiras que limitam e definem a sexualidade normativa. Há aqueles que perpassam a fronteira, uns que a cruzam, outros que se encontram na via de policiamento, aqueles que perambulam por todos os lados, etc. Por estes movimentos todos, percebemos a pluralidade de constituição de identidades sexuais: homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, transgêneros, *drag queen*, dentre tantas outras possibilidades.

Importante resgatar brevemente as marcas políticas e culturais dos investimentos advindos dos discursos sociais em relação a definir quem são os “diferentes”, isso porque há muito a heterossexualidade é entendida e constituída como a “norma”. Desde discursos do campo da Medicina, que por muito tempo afirmaram a homossexualidade como um transtorno, uma doença; os discursos do campo da Psicologia, que indicavam um desvio de comportamento; discursos Religiosos Católicos que (ainda) entendem as práticas homossexuais como pecaminosas e não autorizam casamento de pessoas do mesmo sexo; até os discursos Jurídicos que ainda têm leis e atuações que dificultam o reconhecimento de relações estáveis, do casamento civil e adoção de crianças por casais homoafetivos.

O que se pode afirmar é que o sexo foi posto em discurso de forma mais acelerada a partir do século XVII, como um mecanismo de constituição da ciência da sexualidade, impulsionada pela vontade de saber e pela prática do poder. Então o sexo passou de um processo de restrição para uma institucionalização de quais saberes e de que formas estes circulariam, levando-se em consideração os silêncios e as outras formas não verbais de se dizer algo (FOUCAULT, 2001).

Sendo o conceito de saber, dentre outras especificidades, um “campo de coordenação e subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam, se transformam [...] um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso” (FOUCAULT, 1997, p. 206-207), pode-se compreender os discursos presentes nos livros infanto-juvenis como possíveis produções de saber. E, nesse processo, faz-se

necessário que esses discursos sejam, além de produzidos, repetidos e transmitidos para que se legitimem enquanto tal, e, ainda, sejam apropriados pelos leitores. As relações de poder, possivelmente são estabelecidas neste processo de os enunciados³ servirem como modelo de como as coisas ‘devem ser’, como os sujeitos devem agir.

No âmbito deste artigo caberá problematizar a heteronormatividade, a heterossexualidade e a homossexualidade, seus encontros e desencontros, suas ausências e presenças, suas proximidades e distâncias. E para tanto, é útil considerar a compreensão da palavra *heteronormatividade*. No dicionário entende-se “hetero”, de origem grega, como diferente; e “normatividade”, do latim, como esquadro. Assim, *heteronormatividade* pode ser pensada como um modelo de sexualidade que atua como norma, o que resulta na legitimação da heterossexualidade. Contudo, mais do que a descrição de um conceito no dicionário, importante considerar que a heteronormatividade age por uma rede de relações de poder que instituem modos de ser, produzindo e organizando instituições. Estas, por sua vez, produzem determinadas posições de sujeito (SANTOS, 2007).

Compreendo aqui que as identidades são construídas socialmente e não naturalmente dadas (HALL, 2002). Assim, as identidades de sexualidade e de gênero, como quaisquer outras, são passíveis de modificações a partir das representações e interpelações produzidas nos e pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Valho-me da compreensão de interpelações como o meio através do qual o sujeito é “recrutado” para ocupar determinadas posições de sujeito ao se reconhecer e se assujeitar a esta e/ou aquela forma de vivenciar suas identidades (WOODWARD, 2000); lembrando que um sujeito possui várias identidades que atravessam umas as outras.

Na articulação entre gênero, sexo e sexualidade, afirma-se que o *gênero* participa da constituição de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma primária no interior da qual, ou por meio da qual, o poder é articulado (SCOTT, 1995). O próprio *sexo* é uma construção cultural, uma vez que também é nomeado pela linguagem. E é através das linguagens que os discursos circulam e se fazem presentes nas esferas sociais acima citadas. O controle da *sexualidade* está intrinsecamente ligado ao controle dos corpos e sobre os sexos (macho ou fêmea), pois trata-se

³ Enunciado aqui é compreendido como uma formação discursiva, segundo a concepção foucaultiana, através do qual damos sentido ao mundo.

de legitimizar a ideia que há apenas uma forma de sexualidade “natural” e “correta”: a heterossexualidade.

A sexualidade, bem como o gênero, tem sentido não somente no corpo físico, mas também são fortemente ligados e interpelados pelas crenças, ideologias e imaginações dos sujeitos, moldadas através das relações de poder. Sendo assim, a sexualidade(s) e o gênero(s) são plurais, e compreendidos como fenômenos sócio-históricos. E, por essas características, se problematiza a compreensão a ideia de uma sexualidade e um gênero inatos e estáticos. E se ressalta que são produtos de uma cultura, tempo e espaço social (WEEKS, 2000).

Dentre as instâncias e artefatos culturais por onde circulam as crenças, as normativas e as resistências, tem-se a família, a escola, a mídia em geral, e a literatura infanto-juvenil. Esta última merece destaque para este artigo, como veremos a seguir.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL E INFÂNCIA: CONSTRUCTOS SOCIAIS

A Literatura é compreendida aqui como uma Pedagogia Cultural (STEINBERG, 1997), através da qual também se produz educação, ou seja, se instituem e se constituem representações de identidades, de como ser, agir e perceber a si e aos demais. Assim, a Pedagogia Cultural atua por outras instâncias sociais além da escola e da família, através de artefatos culturais como os livros, a mídia impressa e televisiva, por exemplo.

Assim como a Literatura é algo construído e modificado no decorrer dos tempos, o conceito de infância também o é; dessa maneira, compreendendo o caráter histórico e cultural das identidades, a infância também teve seus caminhos e construções. Na Idade Média a criança se tornava adulta tão logo conseguisse caminhar e se comunicar com as pessoas sem auxílio. Além disso, na época não parecia necessário um estágio intermediário (como hoje entendemos a adolescência), como forma de compreender o funcionamento do “mundo adulto” e aos poucos se inserir nesse.

Em contraponto, já sob uma visão Moderna, enquanto as crianças se encaminham para a idade adulta, “revelamos-lhes esses segredos [do mundo adulto] da maneira que acreditamos ser psicologicamente assimilável”

(POSTMAN, 1999, p. 29). Prevê-se a necessidade de educar as crianças e, então, há o surgimento de escolas para lhes ensinar algo, para inculcar valores, com o apoio de livros que ensinam “como fazer”. Além de inserir as crianças nesse novo mundo, tais disposições ensinam-lhes o lugar que “devem” ocupar numa dada sociedade.

Estes “ensinamentos” e regulações tomam intensidade quando o assunto é a sexualidade do sujeito. E a instituição escolar reúne grande parte destas práticas, embora outras instâncias e pedagogias culturais reafirmem sutil ou incisivamente como os sujeitos devem vivenciar e se perceber em se tratando das identidades sexuais. Louro (2004) afirma o quanto atualmente a sexualidade permanece como alvo da vigilância e as formas de regulação diversificaram-se, várias instâncias se autorizam a ditar as normas, as práticas adequadas, os saberes a respeito.

Ressalta-se que a infância e a literatura vêm se modificando conforme o espaço, o tempo e a cultura, contudo, percebe-se no decorrer dos tempos que, em muitas situações, os livros continuam com o caráter de transmissão de valores com fins educativos nas tramas infantis. Teresa Colomer aponta o quanto nos livros infantis está presente a maneira como “uma sociedade deseja ser vista, e pode-se observar que modelos culturais dirigem os adultos às novas gerações” (2002, p.14). Essa intenção muitas vezes de “pedagogizar”, entre outras características vinculadas à literatura, pode ser relacionada, dessa forma, ao enfoque moderno dado à criança.

Ademais, neste processo de transmitir, circular e reforçar discursos através das obras literárias, pode-se pensar nas estratégias do campo mercadológico e de consumo da literatura infanto-juvenil. Estudos apontam que desde a década de 80 no Brasil, os livros para público infanto-juvenil vem crescendo de forma significativa, sobretudo para minimizar o “problema” da escassa leitura (discurso da crise da leitura). Crianças e jovens, incentivados ao gosto pela leitura, bem como familiares e profissionais da área educacional, por certo presenciaram mudanças do campo da editoração e de livrarias, com o intuito de propulsar as vendas deste tipo de leitura. Livros mais atraentes esteticamente, espaços específicos em livrarias (com confortáveis tapetes e almofadas, contações de histórias, estantes baixas, com músicas ou vídeos endereçados a essas faixas etárias), estratégias de venda junto a escolas, lançamentos constantes de títulos infanto-juvenis, além de significativo espaço em feiras de livros em diferentes ambientes sociais (SILVEIRA, 2002).

Práticas atraentes para seduzir os consumidores destes produtos, sobretudo as escolas para que estas utilizem cada vez mais livros no cotidiano escolar, são tão importantes quanto a compreensão atual de que a criança é um consumidor em potencial. Possivelmente, uma das hipóteses apontadas para este novo perfil trata-se de um valor compensatório, devido ao fato de os pais e familiares passarem cada vez menos com as crianças e, assim, buscam trazer mais qualidade ao tempo disponível, sendo este tempo ou esta qualidade muitas vezes convertida em mercadoria (BUCKINGHAM, 2002).

A PLURALIDADE NO CAMINHO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Para além das disposições da cultura que reafirmam a normatividade das identidades através dos estereótipos nas tramas infanto-juvenis, há de se considerar iniciativas dos últimos anos em ampliar as perspectivas de representações identitárias. Embora a literatura infanto-juvenil seja um campo um pouco mais restrito em relação à circulação de discursos pluralizadores de identidades, este meio também vem ampliando seus personagens e trazendo outras configurações de par romântico, de construção de identidades sexuais e de configuração familiar.

Ao iniciar as investigações sobre este foco de pesquisa, fui à busca de obras que trouxessem tais assuntos nas tramas e nas configurações dos personagens. Então, confirmei algo já suposto: o Brasil ainda tem pouco mercado editorial e público leitor interessado em temáticas de não heterossexualidade; enquanto países como Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Espanha, entre outros, estão com um espaço de problematizações e de circulação muito maior e com menos juízo de valor. Há mais diversidade nas publicações; há o interesse de escolas e professores/as em trabalhar e ler tais tramas com crianças e jovens; há famílias interessadas nesta diversidade cultural, enquanto opção de leitura para seus filhos e filhas.

A seguir será apresentado um panorama das publicações e suas utilizações em diversos países. Em seguida, serão analisadas especificamente quatro obras infanto-juvenis. Nos Estados mais liberais dos Estados Unidos, tais publicações fazem parte do currículo nos primeiros anos escolares de algumas escolas, com a previsível dose de protestos paternos e maternos: desde que chegaram ao jardim-de-infância, livros com a abordagem de

personagens homoafetivos foram destruídos em atos públicos, escolas foram processadas, dentre outras repercussões.

Em Portugal, também surgem obras voltadas para as crianças com personagens homossexuais sem, necessariamente, este ser o foco da trama. É desta forma que *O livro do Pedro*, da escritora e ilustradora Manuela Bacelar, é apresentado. A literatura portuguesa infantil começa a abordar a diversidade da parentalidade. A autora explica como tudo aconteceu. "*A idéia do livro surgiu-me como as idéias dos outros livros: de situações concretas que vou conhecendo*", revela. "*A história é sobre uma família que tem uma vida normal, perfeitamente inserida e aceita pela sociedade*". A Associação ILGA Portugal e o projeto editorial independente espanhol *Eraseunavez.com*, também lançaram no mercado nacional dois livros infantis que abordam a mesma temática.

Da Espanha extrai-se o seguinte trecho: "A mamã Carlota disse-me que os meninos e as meninas crescem na barriga das mulheres. Essa é que me pareceu a maior mentira que já ouvi. Eu não caibo na barriga da mamã Carlota e na da mamã Ana ainda menos". A dúvida pertence a uma menina, personagem central do livro *De onde venho?*, do escritor e ilustrador espanhol Javier Termenón Delgado. Em outra trama, encontramos "O João quer ser bombeiro para ajudar as pessoas! Gosto muito da farda dos bombeiros. Acho que vou apaixonar-me por ele", comenta o menino André que, juntamente à Marta, entram no livro *Por quem me apaixonarei?*, de Wieland Pena e Roberto Maján.

Na Inglaterra, autoridades educacionais concordaram com um plano piloto em 2007, cujo objetivo é levar informações sobre a homossexualidade a crianças de 4 a 11 anos nas escolas, no início para quatorze colégios de Londres. Se aprovado, será estendido para colégios de outras regiões do país. Este projeto prevê a distribuição de livros educativos que abordam a homossexualidade integrada a outros tantos assuntos corriqueiros do cotidiano escolar. Entre os livros já escolhidos para a primeira fase deste projeto estão: um conto de fadas sobre o príncipe que rejeita três princesas e acaba se casando com um homem; a história de uma menina astronauta com duas mães; e a de um pingüim com dois pais.

No Brasil, alguns livros que circulam por entre livrarias e mídias são produções nacionais (*O menino que brincava de ser* e *Todos os amores*, de Georgina Martins; *Menino ama menino*, de Marilene Godinho; e *A história de*

Danny Boy, de Alberto Alecrim). Outros livros são traduzidos para o português, como: *Meu amigo Jim*, da belga Kitty Crowther; e *Mamãe nunca me contou*, da inglesa Babette Cole. Há uma lista de outros livros que poderiam ser citados aqui, cuja abordagem refere-se à sexualidade não normativa, mas nos deteremos a estes por terem tido destaque na mídia, no momento de escrita desse artigo.

Em recente reportagem de duas páginas centrais em um jornal impresso de grande circulação da cidade de Porto Alegre (RS), esta temática teve destaque, com o título *Os iguais também se amam*⁴. Traz em destaque o livro já citado *Meu amigo Jim*, além da opinião de alguns/as escritores/as, especialistas e pedagogos/as a respeito das temáticas das obras.

Reitera-se que maioria das obras que traz personagens homossexuais o fazem para dialogar sobre o próprio assunto da homossexualidade. Poucos são os livros que trazem personagens homoafetivos em tramas que abordam outras aventuras e assuntos. Nesse sentido, há uma problematização a esse respeito quando os/as personagens considerados “diferentes” tenham que ficar amarrados às próprias “diferenças” para integrarem as tramas infanto-juvenis. Muito se vê livros com personagens negros/as tratando do racismo, do respeito ou da negritude. Assim como se vê livros com personagens com alguma necessidade educativa especial, abordando justamente as dificuldades, o acolhimento e o discurso de “igualdade” de direitos. Com os/as personagens homoafetivos ocorre de forma semelhante.

E esta foi uma crítica que surgiu na reportagem impressa. Os livros infanto-juvenis e sua ação pedagogizante de “ter” que ensinar algo, transmitir uma mensagem, mostrar como “as coisas devem ser”, ao invés de simplesmente cumprir a missão de divertimento, imaginação, descobertas e aventuras da Literatura. Em relação a isso, na reportagem a escritora e professora de Letras do Curso de Pós-Graduação de Literatura Infantil da UFRJ, Georgina Martins, dos livros também citados *O menino que brincava de ser* e *Todos os amores*, ao falar da idéia de a literatura ter que transmitir ensinamentos, declara “a literatura não tem que ensinar nada, mas levantar questões, fazer com que as pessoas questionem suas certezas”.

⁴ Jornal impresso Zero Hora, reportagem publicada em fevereiro de 2007, na seção Segundo Caderno, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Aos poucos, o mercado editorial vai se abrindo para este tipo de publicação e escritores/as brasileiros/as estão ampliando suas temáticas e construções de personagens. Contudo, a velocidade com que isso acontece, bem como a presença destas leituras nas escolas brasileiras ainda engatinham em relação a outros lugares do mundo.

Importante trazer ao debate, portanto, que até o momento verificou-se a conexão de alguns aspectos apresentados, que limitam este tipo de literatura no Brasil: o interesse incipiente de editoras a esses tipos de publicações, a pouca abertura de famílias como público consumidor/leitor de tais tramas, a apropriação pontual de somente algumas escolas utilizarem obras com essa temática. Somam-se a essa teia de conexões os fatores sociais, culturais, políticos e religiosos da sociedade brasileira, sobretudo: a baixa qualidade na formação de professores/as e na educação continuada, as dificuldades de construção e execução efetivas das políticas públicas educacionais, e os interesses políticos de alguns grupos religiosos conservadores junto ao governo.

Por um lado, portanto, temos iniciativas pontuais de escritores/as e editoras em incentivar a disseminação de obras literárias que abordam outras formas de sexualidade e de gênero; temos ações específicas da mídia que informam sobre esses livros e propõem um diálogo a respeito das diferenças; temos algumas escolas que defendem tecnicamente o uso de tais livros como ferramentas pedagógicas para se desenvolver um trabalho crítico e reflexivo nas escolas. E de outro lado temos as barreiras de uma visão normatizante, patriarcal, homofóbica e sexista da sociedade.

E no meio disso tudo tem-se as relações de poder, os jogos de negociação, as tensões e os conflitos entre interesses e iniciativas. E uma das tensões produtivas é justamente a resistência de discursos que contribuem para uma perspectiva menos heteronormatizante, como veremos na análise a seguir.

ANÁLISE DOS DISCURSOS LITERÁRIOS E NOVOS OLHARES PARA ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Dentre o panorama da literatura infanto-juvenil em diferentes países, incluindo o Brasil, e frente ao conjunto de livros que, de forma inovadora, abordam diversas formas de sexualidade e de gênero, enquanto conjuntos de atributos identitários, para esta breve análise foram escolhidos quatro livros.

Dois são apresentados em português (um original e outro traduzido) e dois, em inglês (sendo um com a opção de tradução para o espanhol).

A escolha por estes livros e não outros se deu, no caso dos dois em língua portuguesa, porque ambos são amplamente conhecidos e utilizados, sendo o original em português (*O menino que brincava de ser*) um marco de produção deste tipo na literatura infanto-juvenil no Brasil. E o outro livro, traduzido para o português (*Mamãe nunca me contou*), porque caiu no gosto de professoras, escolas e famílias, sendo um dos livros com fácil acesso a lares e instituições escolares, ao menos no eixo sul-sudeste-centro-oeste brasileiro. Já os demais dois livros, ambos originais de língua inglesa (*The Sissy Duckling*; e *And Tango Makes Three*), sendo este último com opção de tradução em espanhol, foram definidos para esta análise devido à inventividade das tramas e por serem inovadores na forma de abordar as temáticas de gênero e sexualidade. Ademais, ambos fizeram sucesso no mercado norte-americano e europeu. Desta maneira, estes artefatos culturais permitem dialogar sobre temáticas semelhantes: a homossexualidade e a pluralidade de gênero, bem como dialogar sobre espaços de circulação de discursos pautados em culturas diversificadas.

No Brasil, um dos primeiros livros lançados com o viés da não heterossexualidade ou tendo ampliadas as possibilidades de ser, no sentido das identidades de gênero, foi *O menino que brincava de ser*, de Georgina Martins (Editora DCL, 2000). Vale ressaltar que a capa de fundo vermelho (Figura 1) foi o primeiro *layout*: traz o personagem principal em destaque, usando várias roupas e adereços, brincando propriamente de ser muitas coisas⁵. Na capa seguinte, escolhida pela editora para publicação, o fundo é verde, os personagens que aparecem (menino e avó) não estão em destaque, as formas não são nítidas, e o arco-íris, para onde eles parecem se direcionar, acaba tendo mais apelo visual.

⁵ O menino que brincava de ser, de Georgina Martins. DCL, 2000. 1ª edição.

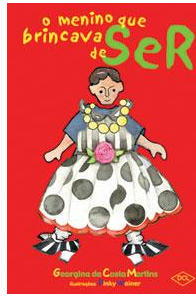


Figura 1

A partir desta obra brasileira, outras passaram a ser escritas e elaboradas, contudo este movimento ainda é pontual e pouco expressivo como vimos. Aponta-se como fatores interligados: outros interesses editoriais, a busca por *best-sellers* de grande vendagem, o tímido grau de receptividade de famílias e educadores, bem como o pouco ou ausente espaço social como um todo para se conviver, falar, pensar e desconstruir questões envolvendo as identidades plurais de sexualidade em nosso país.

Nesta narrativa encontram-se experiências de construção de identidade de gênero e sexualidade vivenciadas por um menino. A trama traz o caminho da criança em compreender-se e construir um olhar sobre ela mesma, seja por modelos masculinos, principalmente pautados nos discursos de personagens adultos e tendo como referência todo o universo cultural em que circula, seja pelas dúvidas, vontades e anseios de atitudes e atividades “ditas” não masculinas, como sensibilidade e criatividade.

Percebe-se que o personagem principal sofre várias situações pautadas em um discurso homofóbico nos grupos sociais em que vive. Relevante para esse debate a atuação de seu pai, que julga estritamente necessário modificar os interesses do seu filho, direcionando-o para o futebol e práticas do “universo masculino”, por exemplo. Em diversas falas do garoto seus questionamentos pessoais são ilustrados: “*Teve um dia em que Dudu acordou com uma vontade enorme de brincar de ser de verdade. — Como assim, Dudu? Mãe, eu queria ser uma menina!*” (2000, p.6). E em “*— Mas mãe, por que eu não posso ser menina? Você não é? — Mas eu nasci assim; você não, você nasceu como seu pai.*” (ibidem, p.8).

De uma escrita delicada e sutil, a autora traz como enredo a busca do menino em relação a sua identidade de gênero e de sexualidade. Surgem

conflitos da pressão social; e também a atitude da avó em auxiliá-lo a poder ser várias coisas, a poder gostar do colorido, de fantasiar-se de menina, bruxa, fada e de brincar de ser o que quiser. Neste momento, aulas de teatro, sugeridas pela avó, parecem a solução para toda a angústia do garoto. Contudo, escolinha de futebol também já fora determinado pelo pai. Assim, Dudu percorre dois espaços distintos e, por vezes, exercita ultrapassar a fronteira do masculino para vivenciar práticas ditas “femininas”.

No decorrer da história, as situações aparecem como sendo um norteador para o debate sobre o investimento que a instituição família, além dos outros grupos sociais, exercem frente à demarcação da heteronormatividade, atrelado aos estereótipos de gênero. Sobretudo porque, ao mesmo tempo em que se defende na sociedade a idéia do heterossexual como algo “natural” com o qual já nascemos, criam-se mecanismos de molde e de controle ininterrupto para que as crianças vivam, respirem e exalem a heterossexualidade como “biologicamente normal” em seus corpos e em suas relações. Assim, as significações que articulamos à sexualidade e ao corpo são construções sociais, sustentadas “*por uma variedade de linguagens que buscam nos dizer o que o sexo é, o que ele deve ser e o que ele pode ser*” (WEEKS, 2000, p. 43).

Na próxima obra, *Mamãe nunca me contou* (2003)⁶, de Babette Cole (Figura 2), original em inglês e traduzido para o português, são apresentadas várias dúvidas da criança sobre coisas que ainda não foram explicadas por sua mãe. Em geral são dúvidas curiosas ou “desconcertantes” para os adultos responderem.



Figura 2

⁶ Mamãe nunca me contou, de Babette Cole. Editora Ática, 2003.

Dentre as perguntas, a trama traz o seguinte trecho: [Mamãe nunca me contou] “*por que algumas mulheres preferem se apaixonar por mulheres... e alguns homens namoram outros homens?*”. Esta questão está ilustrada por imagens grandes que contemplam duas páginas do livro. Em uma há um casal de mulheres, em um piquenique com chá, bolo, flores, além de cores claras. Ressalta-se a caracterização e ilustração da cena com atributos ditos do “universo feminino”. As duas sorriem enquanto uma das mulheres dá a flor para a outra, num clima romântico, tranquilo e alegre.

Na imagem seguinte, há um casal de homens em um jantar, no qual o clima é o mesmo: romântico e feliz. Na ocasião, uns dos homens oferece uma porção de comida na boca do companheiro. Neste caso, há indícios ditos do “universo masculino” na ilustração, como a gravata, camisa e colete sociais, além de cores mais sóbrias que compõem a cena.

Neste livro pode-se ver o quanto a homossexualidade também tem como referência a heterossexualidade. Em outras palavras, o quanto o “diferente” está sob o mesmo “guarda-chuva” de características e regras da norma. Esta mesma (norma) que o exclui e o diferencia, num complexo jogo de identificação, subjetivação, e constituição de conceitos sobre como “se deve” construir-se enquanto sujeitos.

Outro fato relevante é que estas cenas são as últimas apresentadas pela trama no livro, como se o leitor devesse “preparar-se” a partir de outras dúvidas mais “fáceis” ou simples de se pensar para, então, chegar na questão sobre homossexualidade. Após esta última indagação, o livro finaliza com a seguinte conclusão, dita pelo menino no colo de sua mãe que, por sua vez, está com o dedo entre os lábios, com uma feição de incerteza e dúvida sobre como “dar conta” desta missão: “*Mas eu não ligo. Um dia a mamãe conta!*”.

O percurso apresentado neste livro nos faz lembrar do conceito de criança enquanto um ser imaculado que deve ir descobrindo os segredos da vida aos poucos, e sempre com o acompanhamento de um adulto, principalmente quando o assunto é velado, como no caso da sexualidade. De qualquer maneira, a obra inclui como possibilidade a experiência de casais homoafetivos em situações de convivência, carinho e respeito entre si. Sobretudo em cenas ditas “normais” para os casais héteros, como um piquenique e um jantar. E esses/as personagens demonstram a diversidade de formas de ser, pensar, sentir e agir, o que revela um espaço rico para

problematizar as normas sociais que insistem em promover que “todos os meninos devem ser de um jeito” e “todas as meninas, de outro”. A amplitude de possibilidades tende a fazer emergir o pensamento crítico frente às “verdades universalizantes” e tende a

problematizar também as estratégias normalizadoras que, no quadro de outras identidades sexuais, pretendem ditar e restringir as formas de viver e de ser. Pôr em questão as classificações e os enquadramentos. Apreciar a transgressão e o atravessamento de fronteiras (de toda ordem), explorar a ambiguidade e a fluidez. (LOURO, 2004, p. 49-50).

O terceiro livro é *And Tango Makes Three (Com Tango, somos três)*⁷, original em inglês e com versão em espanhol (Figura 3). O livro é baseado na real história de dois pingüins machos, Roy e Silo, que dispensaram as fêmeas, formaram um casal, chocaram um ovo descartado por outra fêmea e ganharam uma filhote adotiva em pleno zoológico do Central Park, em Nova York.

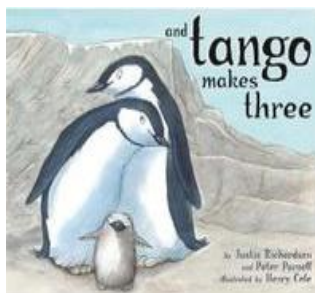


Figura 3

Segundo reportagem na revista *Veja*, de 2006, os autores de *And Tango Makes Three*, o psiquiatra Justin Richardson e seu o parceiro Peter Parnell, dramaturgo renomado, afirmam que “há milhões de casais homossexuais com filhos adotivos hoje nos Estados Unidos. Nosso livro traz uma história de amor que ajuda as crianças a aceitar essas famílias não convencionais”. Nesta trama, observa-se novas configurações familiares, bem como o exercício

⁷ *And Tango Makes Three*, de Richardson, Justin, M.D./ Parnell, Peter/ Cole, He. Editora Simon & Schuster, 2005.

da paternidade de outras maneiras. Ressaltam-se o cuidado e o afeto, geralmente ditos como do “universo feminino”, em personagens masculinos e sua relação destes com o filhote pingüim. O que podemos problematizar nesse caso justamente são as identidades de gênero e de sexualidade percorrendo outros caminhos de constituição.

As representações de paternidade também podem ser destacadas, para contrapor a ideia de que a “maternidade é algo inato à mulher” enquanto que paternidade é algo que o homem se depara em algum momento da vida e não sabe muito como lidar. Na perspectiva feminista e pós estruturalista, tanto quanto a maternidade, a paternidade é compreendida como uma experiência legitimada por propósitos culturais, uma construção produzida e que produz um contexto social. Tanto é que na contemporaneidade, as “novas” formas de exercer a masculinidade e a paternidade, como um homem metrosssexual e um pai presente e cuidador, por exemplo, estão encontrando maneiras de se atrelar às imposições das identidades masculinas. Importante então afirmar que alguns definidores normativos constituintes das identidades masculinas estão “permitindo” ou estão “sendo forçados”, através de relações de poder e resistências, a ter associações com estilos de vida de homens e pais atuais (SEFTON, 2006b).

Para finalizar, o quarto livro é *The Sissy Duckling*⁸ (O patinho afeminado), original em inglês (Figura 4). Esta obra traz como personagem um pato vaidoso chamado Elmer, que gosta de usar mochila estampada com margaridas e óculos cor de rosa, e não leva jeito para esportes.



Figura 4

No decorrer da trama fica claro o universo “feminino” no qual o patinho se encaixa melhor, por suas vontades, formas de se ver e de ver o mundo. E ele

⁸ *Sissy Duckling*, de Fierstein, Harvey; Cole, Henry, Editora Simon & Schuster Books, 2005.

era feliz por isso: por fazer as coisas que tem vontade de fazer. Diz o livro: *“Infelizmente, não havia um único outro menino pato que gostasse de fazer qualquer coisa que Elmer fazia”*⁹. Os demais jovens patos gostavam de atividades ditas “masculinas”, como jogar beisebol, construir fortes de areia, enquanto Elmer gostava de brincar de teatro de fantoches, castelos de areia e assar biscoitos decorados.

Por esta razão, ele é visto como diferente e chamado de “afeminado” ou “mariquinha” por outros patos. Ao perguntar para sua mãe o que isso significava, ela responde que *“é um jeito cruel de dizer que você não faz as coisas da maneira que os outros pensam que você deveria fazer”*¹⁰.

Ressalta-se que, embora não haja discursos sobre sexualidade e, sim, por questões de gênero nas práticas de Elmer, ele é visto como “gay” num tom pejorativo e de discriminação. Seu pai tenta lhe ensinar beisebol, ao qual não há avanços de habilidade nem de interesse. Além disso, os colegas da escola o xingam, o tratam mal; ele também é perseguido por patos “fortes e valentões” por causa da sua forma de ser, por causa das coisas que gosta de fazer e, sobretudo, porque não se enquadra numa norma esperada quanto a sua identidade de gênero. Segundo Ruth Sabat,

as identidades culturais são constituídas a partir das diferentes formas como grupos sociais se reconhecem entre si. Ou seja, as identidades culturais não são dadas *a priori*, não são preexistentes aos sujeitos, elas se constituem no processo de representação de um grupo, sempre em relação a outros grupos, que carregam características diferentes daquele que está sendo representado. A questão das identidades emerge em meio a processos de desigualdade, produzidos a partir de diferenças. Emerge quando grupos sociais não se reconhecem como iguais. (SABAT, 2001, p.4).

Retomando a obra, um dia o pato Elmer salva a vida de seu pai e vira herói. Somente assim foi respeitado no bando, pois teve coragem de arriscar-se em prol de seu pai. Assim, mesmo vítima de constante preconceito durante a

⁹ Tradução minha do original “Unfortunately, there wasn’t a single other little boy duckling who liked to do ANY of the stuff that Elmer did”.

¹⁰ Tradução minha do original “Sissy is a cruel way of saying that you don’t do things the way others think you should”.

história, ao que parece Elmer supera tudo e proclama, feliz, no final: "*Eu sou muito afeminado e tenho orgulho disso!*"¹¹.

Neste caso, pode-se problematizar a forma pela qual ele foi aceito, pois teve que se superar e agir com valentia, características ditas “masculinas”. De certa forma, ele teve que se aproximar da “normalidade” da masculinidade para deixar de sofrer preconceito, o que nos remete a questão da masculinidade hegemônica, que tem seu caminho de construção e de constituição não somente em relação ao feminino, mas também em relação a outras formas de masculinidade que não se enquadram na norma, o que, por sua vez, pode levar à homofobia.

Com a breve análise dos quatro livros percebe-se que, mesmo que em determinadas situações os discursos tenham que se apoiar em preceitos da norma heterossexual e sexista, as tramas trazem para o diálogo a oportunidade de as crianças, professores/as e famílias considerarem outras formas de exercício das identidades de gênero e de sexualidade. E, com isso, incentivam uma ação crítica e questionadora, bem como relações sociais pautadas no respeito, na convivência e na ética, como veremos a seguir.

INSPIRAÇÕES PARA PROPOSIÇÕES EDUCATIVAS VOLTADAS ÀS DIFERENÇAS

Em razão dos impasses entre formação profissional docente, efetivação de políticas públicas, educação continuada dos/as professores/as, despreparo de instituições escolares brasileiras sobre como envolver as temáticas da homofobia, sexualidade e gênero no espaço escolar, cada vez é mais urgente o debate e o compartilhamento de estratégias pedagógicas para este fim. Sob esta visão de amplitude de possibilidades, também faz-se necessário que o campo de produções acadêmicas em âmbito nacional amplie e multiplique as pesquisas, sobretudo as que abordam pluralidades sexuais e de gênero. E que, posteriormente, as transformem em informação e formação direta aos/às profissionais de educação.

Nesse sentido, a problematização desenvolvida neste artigo intenciona contribuir para um espaço de subversão e de reformulação das fronteiras, das “verdades” e das possibilidades de constituição das identidades sexuais e de

¹¹ Tradução minha do original "*I'm a BIG SISSY and PROUD of it!*".

gênero, assim como busca incentivar estratégias pedagógicas para serem praticadas nos espaços escolares. Alio-me ao pensamento de Guacira Louro (2004), quando esta afirma que, mais importante que denunciar a negação dos homossexuais, está a urgência de desconstruir os processos que delimitam a normalização de alguns sujeitos e marginalizam outros tantos, colocar em suspenso a heteronormatividade e as práticas sociais e educacionais que dão conta desta regulações. Segundo suas próprias palavras:

problematizar também as estratégias normalizadoras que, no quadro de outras identidades sexuais, pretendem ditar e restringir as formas de viver e de ser. Pôr em questão as classificações e os enquadramentos. Apreciar a transgressão e o atravessamento de fronteiras (de toda ordem), explorar a ambiguidade e a fluidez. Reinventar e reconstruir, como prática pedagógica, estratégias e procedimentos acionados pelos ativistas queer (ibidem, 2004, p. 49-50).

Ressalto, ainda em tempo, que não está em jogo a qualidade ou não dos livros mencionados aqui. O que é propósito da presente escrita justamente é colocar em suspenso aquilo que é “natural” e “comum” aos nossos olhos e, acima de tudo, insistir em ampliar o leque de oportunidades para outras escritas, diálogos e práticas sobre a diversidade das identidades de gênero e de sexualidade.

Em consonância, também não é objetivo desta escrita “apresentar” um novo padrão de exercício da sexualidade. Não se trata de enaltecer a homossexualidade como uma “identidade ideal” a ser “alcançada”, em detrimento da heterossexualidade. Isso iria contra o próprio embasamento teórico que prevê a pluralidade. O que está em pauta é problematizar as forças de poder, o caráter construído e a multidimensão de experiências e de entrecruzamentos de identidades do sujeito no decorrer da vida. Como afirma Louro (2004):

Personagens que transgridem gênero e sexualidade podem ser emblemáticas da pós-modernidade. Mas elas não se colocam, aqui, como um novo ideal do sujeito. Não se pretende instaurar novo projeto a ser perseguido, não há intenção de produzir nova referência. Nada seria mais anti-pós-moderno. A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por

evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades. São significativas, ainda, por sugerirem concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e sexualidade (LOURO, 2004, p. 22-23).

Considerando que todas as identidades sexuais, até mesmo aquelas mais normativas, existem a partir de uma construção e negociação no campo social é importante desestabilizar as premissas de um padrão único (heterossexualidade). Afinal, "*não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha*" (BRITZMAN, 2006, p. 74). Da mesma maneira quanto às identidades de gênero. Devem ser problematizadas as relações e jogos de poder que ocorrem nas relações sociais do sujeito, todos à luz de uma norma de como “devem ser” meninas/mulheres e meninos/homens.

Por fim, discutir tais questões, utilizar artefatos culturais e problematizações como estratégias pedagógicas em sala de aula com alunos/as ou em formação de professores/as é de total necessidade. Se pensarmos tais direcionamentos no ambiente escolar e na formação continuada de docentes, iremos contribuir para a constituição de sujeitos que entendam as diferenças não como algo negativo, problemático ou ameaçador, mas como algo que também nos constitui, em relação as nossas diferenças e na relação de alteridade com o outro. Na mesma medida, contribuir para a compreensão de que as diferenças estão pulverizadas em diversos lugares, nas várias formações sociais e necessitam de acolhimento. E por último, incentivar o olhar crítico frente às “verdades normativas”, às práticas culturais e às relações sociais e de poder que constituem os sujeitos em seus cotidianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITZMAN, Deborah P.. "O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo". *Educação & Realidade*, v. 21, n. 1. Porto Alegre, janeiro-junho de 1996, p. 71-96.

BUCKINGHAM, David. *Creecer en la era de los médios electrónicos tras la muerte de la infância*. Madrid: Morata, 2002.

COLOMER, Teresa. *A formação do Leitor Literário*. São Paulo: Global, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 5o edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *História da sexualidade 1- a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001 – 14 edição.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOURO, Guacira L. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SABAT, Ruth. *Pedagogia Cultural, Gênero e Sexualidade*. In: Rev. Estud. Fem. vol.9 no.1 Florianópolis 2001.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. *Heteronormatividade e Educação*. Seminário Gênero e Sexualidade na Escola. Brasília, 2007. Disponível em <http://www.britishcouncil.org.br/download/LuisHenrique.pdf> Acesso em 10 de março de 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v.20, n°. 2, 1995.

SEFTON, Ana Paula. “*Pai é de uso diário?*” Representações de paternidade na literatura infanto-juvenil. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006a. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/7677>.

_____. Paternidades em las culturas contemporáneas. In: Revista de Estudios de *Género*. La *ventana*, núm. 23, p. 37-69, México: Universidad de Guadalajara, 2006b. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/884/88402304.pdf>.

STEINBERG, Shirley. *Kinderkultur: a construção da infância pelas grandes corporações*. In: SILVA, L. H (org.). *Identidade social e construção do conhecimento*. Porto Alegre, PMPA, 1997.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.